



Semanario republicano independente, defensor dos interesses deste concelho—(Fundado em 1886)

Director, propriet. e administrador—José da Silva Vieira Editor—Manoel Gomes da Costa Freitas Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA Anno, sem estampilha 1\$200 rs.—Numero avulso 40 rs.—
Com estampilha 1\$360 rs.—Brasil. (Moeda forte) 2\$500 rs.
Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a.º—Espozende.

ANNUNCIOS Linha, ou esp. de linha a 40 rs.—Comunicados ou reclames (secção)
60 rs.—Imposto do sello (cada public.) 10 rs.—Os assign. tem 25%
de desconto. Anunciam-se todas as obras literarias e scientificas mediante um exemplar.

Revertere ad locum tuum

Grandes razões nos assistiam quando no numero passado lembrando a nossa vida jornalística mostravamos ao publico a maneira como se exprimiam certos periodicos, sempre repleto das mais abjectas injurias contra tudo e contra todos que não comungarem n'esse credo imundo e tórpe.

Vemos confirmado o que diziamos, causa asco e nojo tocar com os dedos nesses pasquins, pois teme-se o contagio pestilencial que exalam desde as primeiras até as ultima columnas, tão esterquilinias montureiras.

E impam de balófo orgulho essas intelligencias putridas, com a obra infecta com que desvirtuam a pureza do papel e o conceito de homens que muito acima estão pelo seu valor e probidade da lama

pantanosa onde se refocilam voluptuosamente esses caracteres degenerados, nocivos e repugnantes.

A quem pertence a infamia senão ao infame? Qual é o ladrão que não julga por si e pelos meios empregados os que lhe não seguem os mesmos habitos? Qual é o bandido que não accuse de igual banditismo os que são honestos?

Logo só pode cabir em cima de tão réles escrivinhadores as calumnias, que, gratuitamente assacam a outros que nunca pensaram em executar qualquer acto, de que fazem exclusivo apanagio os ladrões, bandidos e calumniadores donos e senhores de tal direito.

Assim não julgam os homens de honra, pundonor e brio, esses só depois de victimados pelos gatunos que até então não conheciam e que surrateiramente lhe introduziram as mãos nas algibeiras é que os afastam de si, pre-

venindo os incautos para que se acautelem, mas isto sem palavras escandalosas ou retumbantes gritos; que só pertencem aos criminosos que não podendo provar a sua innocencia fazem uma ensurdecadora gritaria unicamente para enganar os que estão alheios ao seu viver des-honesto.

Responder pelo mesmo diapasão seria reivindicar uma justissima represalia, mas, iriamos de encontro ao que já temos exposto em diversos artigos e de maneira alguma queriamos soffrer, do publico semelhante comparação que nos reduziria as mesmas abjectas e nojentas proporções.

Não. Não procedemos assim porque como já dissemos, deixamos a infamia ao infame. O roubo ao ladrão. O banditismo ao scelerado. A calumnia ao calumniador. A torpeza ao tórpe.

Elles que se utilizem do que lançaram a publicida-

de, porque tudo volta ao lugar donde partiu.

Revertere ad locum tuum.

FESTAS DA VILLA

Correram animadas estas festividades tanto religiosas como profanas tendo-se dado apenas ligeiros conflictos de somenos importancia devido a algum excesso alcoolico.

A exposição pecuaria não teve animação extraordinaria por ser a primeira vez que se realisava n'este concelho, mas é de esperar que na primeira que voltar a fazer-se, traga uma concurrencia maior e mais animada.

O Jury foi correctissimo e justo nas suas decisões, apesar de seriamente apoquentado por um desclassificado que queria ageitar á sua conveniencia as honradas decisões.

Não lhe deram attenção, no que fizeram muito bem, sendo por isso louvado pela enorme assistencia, que de longe appreciou a cabala do *trêfego* galopim.

Obtiveram premios:
1.ª classe (touro reproductores)
1.º premio, 200000 reis, snr. Antonio José de Oliveira, de Gandra.

FOLHETIM

LEXICOGRAPHIA PORTUGUESA
(APONTAMENTOS)

VOCABULÁRIO MINHOTO

(Continuação)

D

Derripar—Ripar o linho.
Desacamaradar—Desaparelhar. V. *desacamaradar*.
Desagulzar-se—Indispor-se, zangar-se; «desaguzaram-se nas partilhas».
Desajudar—Ajudar a descer qualquer

fardo, cesto etc. que outra pessoa traz á cabeça ou ao ombro: «desajuda-me a este cesto».

Desalborar—Fugir, correr: «desalborou daqui ha dias e não sei que fim levou;—desalborei pela estrada fóra com tal pressa».

Desamão—Fóra de mão, longe, que não fica a geito: «posso ir por lá, apesar de me ficar desamão».

Desampoladoira, desimpoladoira — É o mesmo que ampoladoira ou impoladoira. É evidentemente palavra mal formada.

Desapolar—Erguer-se do chão, levantar-se do banco ou cadeira.

Desarolo—«...na plena posse dos seus pincois, no pleno desarolo das suas faculdades, que podem, ás vezes, repetir-se, mas que, até hoje ainda não se desmentiram...»

[B. Burity—*Lucta*, de 5-7-915].

Desbocado—Obsceno, asneirento.

Desbreguilhar—«...no desalinho deixado do seu pjama e das atitudes, pernas cruzadas, desbreguilhado, fralda de fóra, coçando os pés e olhando o umbigo como o velho Bhudda...» [B. Burity, in *Lucta*, de 29-7-

915].

Descalcote—«...e a mãe que só o tinha a ele descalcote e vadio». [Forjaz de Sampaio in *Lucta* de 8-7-915].

Descampar—Cavar o margido, após a ceifa das searas.

Descogitar—Cogitar, pensar, meditar: «tanto descogitou que acertou».

Descolar—V. *cólo*.

Desembestago — R... «escreveu uma desembestage, num jornal de Braga, tão pobre de gramatica como enfezado de ideas».

Desemborrallar—Tirar a borralha no lavadouro ás meadas, depois de saídas do forno. V. *desseibar*.

2.º premio, 10.000, snr. Antonio Luiz Gonçalves Zão, de Espozende.

2.ª classe (vitellas)

1.º premio 7.000, ao snr. José Ignacio da Costa, de Espozende.

2.º premio 4.000, ao snr. Joaquim Rodrigues Coutinho, de Espozende.

3.ª classe (vaccas)

1.º premio 10.000, a José Pires Lorangeira, de Goios.

2.º premio 5.000, a Manoel Pires Loureiro, de Goios.

4.ª classe (bois de trabalho)

1.º premio 10.000, ao snr. José Pires Lorangeira, de Goios.

2.º premio 5.000, ao snr. Caetano Fernandes, de Curvos.

5.ª classe (bois gordos)

1.º premio 12.000, ao snr. Antonio de Villas Boas Ribeiro de Goios.

2.º premio 6.000, ao snr. Joaquim Eiras de Meira Torres, de Belinho.

Gado suino

Coube o premio de primeira classe, (varrascos de 1 a 3 anos) ao snr. Antonio José de Oliveira, de Gandra 6.000.

E o primeiro premio de segunda classe, (porcas afilhadas até 4 annos) ao snr. Eugenio Diniz de Andrade Ferreira, escrivão de finanças deste concelho, que era de 5.000 reis.

De gado suino foram os unicos concorrentes.

Concorreram com touros, vacas, vitellas, junta de bois de trabalho e junta de bois gordos, os snrs. Antonio Villas Boas Ribeiro, Joaquim Eiras de Meira Torres, Manoel Gomes da Costa Castanho, Antonio José de Oliveira, Luiz Gonçalves Zão, José Ignacio da Costa, João Rodrigues Coutinho, José Pires Lorangeira, Manoel Pires Loureiro, Carlos Fernandes, D. Maria Adelaide C. Marinhas, Manoel Gonçalves Chaves, D. Cecilia Ribeiro Lima, Manoel da Silva Couto e Luiz Gonçalves Zão.

O Jury era composto pelos snrs. Domingos Correia d'Assis, representante do Ministerio do Fomento, Manoel Augusto de Miranda, Firmino Clementino Loureiro, Manoel Augusto de Almeida e Manoel Gonçalves Ferreira da Silva.

Tambem foi concorridissima a procissão que apresentou um aspecto brilhante pela quantidade enorme de crentes que a acompanhavam.

Emfim as festas das villa, ficarão este anno, lembradas, pela sua imponencia.

VERDADE FLAGRANTE

N'esta hora de incertezas de amarguras, no pendor da temerosa e terrivel crise que nos assoberba, em que os homens desviando-se da trajectoria do bem, guiados, muitas vezes, senão sempre, pela vileza dos seus sentimentos apanagio das almas pequenas e mesquinhas, se deixam arrastar para o campo ingrato das questões tendenciosas, consola-nos, todavia, a alma de portuguez, ver a forma alevantada porque se patenteiam aos olhos de todos, os brios de uma raça cuja historia é um repositório das mais bellas lições, dos mais fecundos ensinamentos.

Assim, quando o povo portuguez verga ao peso duma vida atribulada e martyrisante, quando o proletariado definha á mingua, pois o trabalho escasseia, e, por consequencia, a fome lhe espreita o misero tugurio onde tudo falta desde o pão para o aconchego do estomago, até ao pedaço de panno com que cobrir as carnes, por toda a parte, por todo o paiz, esse povo levanta-se em unisono, em hymnos á Patria, que venera como a reliquia mais preciosa que se ergue no altar augusto e sublime da nossa alma.

E o nosso povo, tantas vezes ludibriado, tantas vezes escarnecido, tantas vezes vilipendiado; esquece todas essas affrontas para apenas pensar no rincão que lhe foi berço, que precisa do seu trabalho, do seu esforço, da sua dedicação, do seu acendrado patriotismo, para, no concerto das demais nações do mundo, d'aquellas que caminham na vanguarda da civilisação, continuar a gosar os foros que a sua historia, nimbada das mais fulgurantes e rutilas côres, lhe outorgou.

Esta é que é a verdade.

Espoliado e roubado nos seus direitos, reduzido á fome, e, quantas vezes acontece, varado na praça publica pelas balas, que longe de representarem a satisfação ás suas justas reclamações, não são mais nem menos do que a indicação segura de que ha de calar no seu intimo, os assomos de legitima revolta e á fome fazer face respirando a pleno pulmão o bom ar d'este doce paiz á bei-mar plantado, esse povo, o nosso bom povo, ainda nessas occasiões se impõe ao respeito de todos pela sua cordura, pela sua so-

lidariedade, pelos actos reveladores das belas qualidades que nelle sempre foram outros tantos titulos a recommendal-o á admiração geral.

E, emquanto uns, os privilegiados, mercê das suas fortunas, da sua posição social, caminham pela vereda da vida, numa despreoccupação invejavel, sem curar até dos destinos da Patria, que, para estes, pouco representa, os outros, os desprotegidos, aquelles que teem como fortuna o seu trabalho e como titulos de nobresa os que nesse trabalho se colhem, o povo, emfim, está sempre vigilante na guarda da terra tantas vezes orvalhada com as suas lagrimas, lagrimas de dôr e de miseria, terra que não consente que jámais deixe de ser independente, livre e altiva, como altiva é a legião de batalhadores promptos a verter o seu sangue, a darem, se tanto for preciso, e com o maior despreendimento, a sua vida por ella.

Quando, pois, vemos que, seja quem for, dentro desta nossa nacionalidade, onde todos se deviam amar como irmãos na comprehensão clara de contribuirem para que Portugal se alçapremasse ao logar que lhe cabe, se afasta da linha de conducta traçada em especial, aos seus dirigentes, sentimos uma dôr que nos compunge, uma tristeza, que, moralmente, nos abate.

Um povo que, na sua historia, deixou bem impressos os seus feitos, um povo generoso, pois as suas acções só revelam a limpidez da sua alma, um povo trabalhador que á industria presta o melhor do seu esforço, um povo paciente e soffredor, jámais pôde consentir que sobre elle recaia o vilipendio, o desprezo.

Agora, neste momento grave, é ainda o povo que chamado a enfileirar-se no exercito, ha-de, no campo da batalha, manter illesas as suas tradições, as tradições de bravura que n'outros tempos, lhe reconheceram os grandes cabos de guerra Napoleão e Wellington. E o afan com que se apressa a apresentar-se nas unidades a que pertence, abandonando o lar, onde, o mais das vezes, deixa uma esposa amantissima, filhos queridos, debulhados em lagrimas, mergulhados na mais profunda dôr e desalento, são a prova irrefutavel e consoladora do que, envaidecidos, afirmamos.

Um povo assim, comprehendedor, em extremo, dos seus deveres, não merece que ás vezes o tratem com tanto desamor, e tanto elle é, uma ou outra vez, senão sempre, que parece impossivel que se não tenham embotado as suas virtudes civicas.

Por isso nós, que tanto o veneramos pela sua grande alma, pelas suas acções generosas, magôa-nos vê-lo espesinhado nos seus direitos, despresados nas reclamações e até maltratado, quando não é contun-

dido ou varado.

Gringoire.

A BORDO

O Toque das Trindades

E' deveras simpatica e comovedora esta tão singela narrativa que vem circumstaciada na «Republica», diario evolucionista da capital.

O facto occorrido no «Admator» após o combate em que a tripulação d'aquelle vaso de guerra tomou entusiasticamente e valorosamente parte, ha tempo é deveras tocante.

Vae a seguir a narrativa, tal qual a descreve o nosso confrade:

«Os marinheiros do Admator, n'um combate que houve com os allemães portaram-se lindamente, com uma coragem que chegava à temeridade, vendo-se os officiaes obrigados, não a incutir-lhes animo, mas sim a aconselhar-lhe prudencia. Como em todos os combates, alguns ficaram lá para sempre!

O Freitas Ribeiro, commandante, antes de recolher com o navio á sua base, mandou formar toda a tripulação na tolda. Era ao fim do dia, o sol ia a desapparecer. Mandou arriar a bandeira com o ceremonial da praxe. Depois, dirigindo-se aos marinheiros, disse-lhes que eles tinham cumprido o seu dever, batendo-se valentemente, mas que se não deviam esquecer dos mortos e a elles render-lhes as ultimas homenagens.

A republica havia abolido o toque de Trindades, toque que elle ia mandar executar; aquelles que fosse catholicos que elevassem a Deus a sua prece, outros, que nenhuma crença tivessem, que respeitassem com a maior compostura aquelle acto, que tinha a maior significação. Mandou tirar barretes: e no mais profundo silencio—o navio largando lentamente d'aquellas paragens já tintas do sangue portuguez, foi ouvido, pela primeira vez no novo regimen, o toque das Ave-Marias.

Nenhum dos novos marinheiros o sabia tocar; porém, por sorte, um chegador, antigo corneteiro, se recordava d'elle ainda e o tocou, e tocou-o repassado de tal sentimento, que nenhum homem a bordo havia que não tivesse os olhos marejados de lagrimas tão sentidas, tanto do fundo d'alma, que tivessem pejo em mostral-as.

A impressão sentida foi tão profunda que o official, ao fazer esta descripção, tinha os olhos

extremidade termina em unha de martelo. Serve para desentaxar tamancos e arrancar taxo-las.

Desmear—«Desmear madeira»: traçalla por uma dada medida; sarralla ao meio; cavaca-la em grosso a machado ou enxó.

Desogar—Dar de comer alguma coisa a alguem que se suspeite desejar um dado alimento: «quando a gente come, devem-se desogar as creanças, inda que elas já tenham comido». Desogar o gedo—dar-lhe de comer.

(Continua)

Desempeçar—Desdobrar? «...e era preciso desempçar esse novelo... Os passarinhos, um pega numa ponta, outro noutra até que desempçaram o novelo. [Bernardino Barbosa—Contos Populares de Evora].

Desemgramillar—Tirar o gramilo. V. desgramillar, engramillar e gramilo.

Desencamaradar—Desaparelhar. V. encamaradar.

Desencarrar—Afastar o carrino da entroza. V. encarrar.

Desencatrinar—Fazer perder o sono a outrem: «Eh! rapaz! a pé que são horas! Ou é mister ir lá

desencatrinar?» [Ined. de M. B. V. encatrinar.

Desencorar—Soltar a agua encorada num açude ou presa. V. encorar.

Deseneolar—V. descolar e coto.

Desenjarçado—«...ali nas salas do desenjarçado casarão da rua Barata Salgueiro [B. Burity in Lucta de 3-6-915].

Desenlear—Perder o sono: «eu cá, mal acordo, fico logo desenleado». V. enleado.

Desenquizar—Induzir ao mal, desafiar, desinquietar.

Desentapuir—Desentupir, desobstruir. Desganoado—Sem ganos ou galhos, podada: um carvalho desgano-

nado; estragado: «vinha desganoado»—atacada pelo mildio. «Bouça desganoada»—aquella a que cortaram toda a madeira. Por extensão: andar mal vestido, esfarrapado.

Desganoar—Cortar os ganos ou galhos ás arvores, podar; estragar. V. gano.

Desimpolar-se—Diz-se do carro quando salta fóra das impoladoiras do eixo: «o chedeiro desimpolou-se porque os bois fugiram com o carro».

Desintaxadeira—Espécie de pequeno pé-de-cabra com o feitio aproximado duma verruma cuja

tambem, e ainda razos d'agua. Não se pode regatear ao distincto official da armada portugueza, que tão nobremente e sentidamente soube despertar nos corações dos valentes marinheiros que commanda, a crença piedosa pelos que haviam succumbido em combate na defesa da nossa querida Patria.

Construcções navaes

Já se deu principio, nos nossos estaleiros, á construcção de um navio, para a praça do Porto, para o qual em breves dias será assente a quilha.

O seu custo importará em 20 contos, para o que se já fechou o respectivo contracto com a casa constructora, na cidade do Porto.

O sitio é optimo e muito adequado a essas construcções. Pena é que a politica local se não empenhe perante o governo, para o acabamento do pouco aterro que ailli falta fazer.

Aos Licorinos

Para que ninguem veja malevolas intencções de nossa parte sobre umas perguntas feitas no nosso numero ultimo, declaramos que não tem ellas o sabor que lhe queriam dar e que os Licorinos sem estatutos legaes nem patente de invenção são para nós, pelo menos os do nosso conhecimento, pessoas dignas e honestas.

Ficam assim quebrados os dentes aquelles que tudo deturpam e amesquinham.

AGRADECIDOS

Pelos reparos que pedimos para a boca do lobo da rua direita.

Pelo encascalhamento da rua de S. João.

Pela limpeza nas ruas, se bem que não está completa.

Pela requisição do milho de cunha que a Camara vende no seu celeiro a 950 reis os 17 litros.

Pela delicada attenção do snr. presidente da Camara em nos vir mostrar as actas das differentes requisições do milho.

E por tudo mais que façam ou possam fazer em beneficio do publico tão exaustado da protecção dos poderes publicos.

Novo Hospital

Fiz-me de esmolas;

Bem haja quem dá muito ou pouquinho;

Pequenina palha ás vezes,

Serve de remate ao ninho . . .

Antonio Corrêa de Oliveira.

Nesta ordem de ideias, recebeu-se:

Do snr. Manuel José Gonçalves Vianna 20000; do snr. Guilherme M. de Oliveira, uma balança e 4 latas varias; do snr. Alfredo Alves d'Azevedo 50000; do snr. Antonio Nascimento, filhos, um oleado para camas; da

snr.^a D. Maria Rita Queiroz Veloso Vilas-Boas 20500; do snr. Profirio (Antonio), 2 tapetes de juta, de um anonimo varias prendas do bazar da Senhora da Saude; do snr. Moura, 1 quadro. Bem haja, quem assim procede.

NOTICIAS DE FÃO

BARRETES E CARAPUÇAS

Sabemos achar-se em ensaio no nosso theatro uma *revuete* com o nome acima da autoria de um semi-fangueiro, cremos pelas risotas que ouvimos quando ensaiam, que a coisa tem graça.

A musica é toda coordenada e está a cargo de um competente musicista.

Por um *tour de force*, conseguimos saber a distribuição dos papeis. Ei-lo:

Ernestino Sacramento: 1.º estudante, *Fantomas*, 1.º gato pingado, *Para-raios*, 1.º poeta, cantador moderno e **Fão**.

Manuel Ribeiro da Fonseca: 3.º jogador, *Queixoso*, 3.º gato pingado, rua das Pedreiras, dez reis, cantadeira moderna e **Apulia**.

Manuel Gonçalves: 2.º jogador, 2.º estudante, *Pepe*, 2.º gato pingado, cinco reis, cantador antigo e **Fonteboua**.

Celestino Pires, *Figaro*.

Manoel G. Penetra, 3.º estudante e *Pausanias*.

Manuel F. Costa: 1.º jogador, 4.º gato pingado, suspeito, cantadeira antiga e sujeito.

Candido Alves dos Reis: Ribeiro Caixa d'agua.

Antonino Borda: Tocador, Passeante, Derrama e cigano.

Alfredo Martins do Monte: Leitor, Beata, 3.º poeta e cigana.

Conseguimos tambem saber o titulo dos actos, intitulado-se o primeiro *No Club Barato*, e o segundo *No Olho da Rua*.

Oxalá que tenha exito a *première*.

—A passar alguns dias na nossa localidade estão as ex.^{mas} snr.^{as} D. Argentina Façanha R. Guedes e Laura Beatriz Carvalho.

Desejamos uma agradável estadia entre nós.

PERGUNTA-SE

Porque será que o pão de milho nesta localidade é pequeno e mal manipulado, quando elle podia e devia ser bem feito e vendido a peso?

Porque será que certo tasqueiro faz negocio á sombra de uma repartição?

Porque será que o meu barbeiro é um *figaro*?

Porque será que certo vinho tem agua e outros ingredientes?

Porque será que o zelador mór destes sitios faz vista gros-

sa e não applica *multas*?

Porque será que o Petrechas não deixou cá o bonito sortido que apresentou nas festas da Saude?

Porque será que a roda dos *cavalinhos* funcionou sempre com grande gaudio?

Porque será que os *Licoricos* não tem privilegio de invenção?

Porque será que o snr. *Diabo* não é tão mau como o pintam?

Porque será que a *um* maneta lhe falta um braço?

Porque será que os vesgos veem mais que os *pisicos*?

Porque será que a *Cova da Onça* se mudou em estimarei?

Porque será que não ha asucar em nenhum estabelecimento?

Porque será que os frangos assados são mais apetitosos do que os *crús*?

Porque será que os *Licoricos* são intangiveis?

Porque será que o tio Malaquias não tem *peles* ao fumeiro?

Porque será que o *Diabo* é preto quando podia ser branco?

Porque será que creando nós esta secção para a piada e risota sem intenção de melindres, ha quem a tome a serio?

Porque será que os *meninos* que se julgam muito serios se riem mais que os *sizudos*?

Porque será que a guarda republicana dorme de noite e faz policia de dia?

Porque será que se não retira da rua que vai do Hotel Central á doca, uma pedra que ali está impedindo o transito ha muito tempo?

Porque será que se consente a alguém secar roupa nas ruas e praças publicas?

Porque será que os elegantes usam casquetes pintados a alcatrão?

Porque será que as ruas de Fão são completas esterqueiras?

Porque será que na rua que do caes vae á estrada e ao estaleiro de Fão arrumam entulhos e lixo contra os muros?

Porque será que a *republica* de Fão se quer tornar independente da de Espozende?

Porque será que os passeios das ruas de Fão servem tambem para a seccagem de raias?

Porque será que em Fão, nesta epoca em que veraneiam familias, andam mais de cem porcos passeando pelas ruas?

Porque será que se não tomam as providencias necessarias a respeito do que acima apontamos?

Para que será que os empregados da fazenda fazem serões?

Porque será que o ourinol da Praça do Repólho fede á *catanga*?

Porque será que o *Farol Fãozense* encalhou na ultima viagem?

Seria torpedeado por algum *submarino allimão*?

Porque será que a cada canto de uma rua se encontram *policias*?

Porque será que alguns *lambões* andam *ógados* por faltar o *axucre*?

Porque é que o *Zagueta* anda de casaco?

Sardinha

Continua afluindo ao nosso porto grande quantidade deste saboroso pescado.

Novo navio

Acha-se em frente ao nosso caes e prestes a seguir viagem á laita «Lisboa», construida nos estaleiros navaes de Fão.

Festas de Setembro

Realisam-se nesta villa no dia 10 de Setembro, grandes festas sportivas. No proximo numero daremos programma.

RESPOSTA

E' por causa de não querermos enodoar o papel com as infamias dos vasculhos Moraes do lixeiro-mór e temermos que nos comparem a tão abjecta córja; mas, não passamos procuração a ninguem como já tem experimentado; o que usamos é uma linguagem que nunca roçou pelos prostibulos e alfurjas como a do perguntador.

Correição aos Cartorios

2.ª publicação

Faz-se publico que n'este juiso se acha aberta a correição a todos os officiaes de justiça, notarios e solicitadores desta comarca, cuja correição começará no dia 26 do corrente e terminará no dia 26 de agosto proximo.

São por este convidadas todas as pessoa que tenham de apresentar qualquer queixa ou reclamação contra aquelles funcçionarios o façam dentro d'aquelle praso.

Espozende, 17 de julho de 1916.

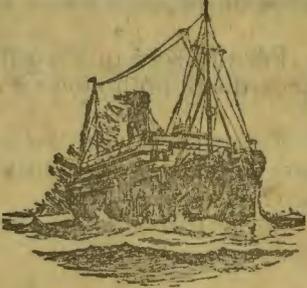
Verifiquei:

O Juiz de Direito

Veiga Rodrigues

O escrivão: João Evaristo de Moraes Rocha.

R. M. S. P.



MALA REAL INGLEZA



Paquetes Correios a sair de LISBOA

Amazon
Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres
Preço da passagem em 3.^a cl. de Lisboa
para o Brazil e Rio da Prata 51.50

Descado
Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Aires
Preço da passagem em 3.^a cl. de Lisboa para o
Brazil e Rio da Prata 46.50

Darro
Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Aires
Preço da passagem em 3.^a cl. de Lisboa
para o Brazil e Rio da Prata 46.50

Desna
Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres
Preço da passagem em 3.^a cl. de Lisboa
para o Brazil e Rio da Prata 46.50

Araguaya
Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro,
Santos, Montevideo e Buenos-Ayres
Preço de passagem em 3.^a classe de Lisboa
para o Brazil e Rio da Prata 51.50

Todos os vapores desta Companhia costumam
atracar ao caes no Rio de Janeiro.

A bordo ha creados portuguezes

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.^a classe es-
colher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso
recommendamos toda a antecipação.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

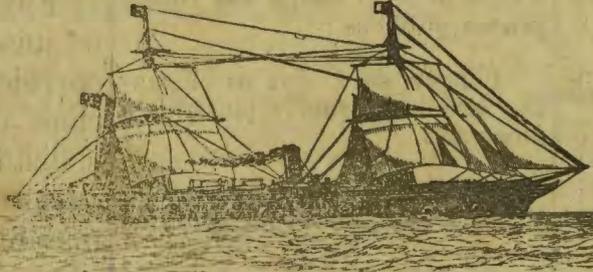
TAIT & CO.
19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO
Ou aos Agentes nas provincias.

COMPANHIA DA MALA REAL

— DO —

PACIFICO

CARREIRA
QUINZENAL
DE
LEIXÕES
E
LISBOA



NOVOS E MAGNIFICOS PAQUETES
DE 15:000, 12:000, 10:000 E 8:500 TONELADAS
com todos os melhoramentos modernos, incluindo
TELEGRAPHIA SEM FIOS

Para: S. VICENTE, LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, MON-
TEVIDEO, BUENOS-AYRES e VALPARAISO, tocando alternadamente
em PERNAMBUCO, BAHIA E SANTOS e para PARIS, LONDRES e
LIVERPOOL.

Agentes em LISBOA

E. PINTO BASTO & C.^a L.^a
Caes de Sodré. 64

Agentes do PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a
73—Rua Infante D. Henrique 1.^o

SUB-ACENTES em todas as cidades e villas de Portugal

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: Lisboa 1888,
Paris 1889, Belem 1898,
Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heroico contra todas as afeções dos
orgãos respiratorios, taes como: tosses
rebeldes ou convulsas, ataques asma-
ticos, bronquites agudas ou crónicas.
Legalmente autorizado pelo Conselho de
Saude Publica de Portugal e pela Ins-
pectoría Geral d'Hygiene dos E. U. do
Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
PEDRO FRANCO & C.^a
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA



**Contra
a debilidade**

**Farinha Peitoral Ferruginosa
da Farmacia Franco**

Esta farinha é um precioso medica-
mento pela sua acção tónica reconstitu-
inte, do mais reconhecido proveito nas
pessoas anemicas, de constituição fraca,
e, em geral, que carecem de forças no
organismo, e ao mesmo tempo um ex-
celente alimento reparador, de facil diges-
tão, utilissimo para pessoas de estomago
debil ou enfermo, para convalescentes,
pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-
villgiado.

Pedro Franco & C.^a
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

Grand Prix - O maior premio da Exposição - Londres 1904

Premiado com medalhas de ouro,
nas exposições:
de Lisboa, 1888,
Paris, 1889,
Belem 1898,
Anvers 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.^a
Rua de Belem, 147 - LISBOA

O FOLK-LORE VARZINO

ACABA DE SAIR

NOVIDADE LITERARIA

COSTUMES E TRADIÇÕES I POR CANDIDO LANDOLT
POPULARES DO SEculo XIX

Contem 236 paginas e publica 27 gravuras. E' impresso em bom papel
velino, sendo o seu preço.—brochado 600 reis, e encadernado a percalina
com letras a ouro 18000 reis. Para o Brazil, brochado 800 reis, encaderna-
do 18200 reis, (moeda forte).

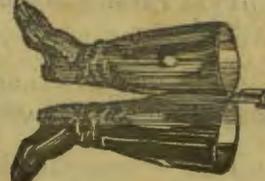
Dirigir todos os pedidos á
Empreza na "Propaganda",—Editores—Rua da Junqueira, 50
FOVOA DE VARZIM

SAPATARIA NOBELO

—de—

MANOEL DE PASSOS
CALDEIRA

RUA DE S. SEBASTIAO, 12
VIANA DO CASTELO



ARTE E BOM GOSTO.

Nesta bem montada officina,
executam-se com toda a rapidi-
dez e esmero, todos os trabalhos
concernentes a esta arte, tanto
para homem como senhora e
creança.

Em permanente exposiçáo
encontra-se o que ha de mais
fino em calçado de luxo, á
Luz XV, obedecendo sempre
às ultimas creações da moda.
Todas as encomendas satis-
fazem-se prontamente e pre-
ços muito modicos.

O ESPOZENDENSE

Redação e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende